

REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira

EDITOR
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
Officina de Impressão—R. da Anália, 194
(Formulário da lei que regula a liberdade da imprensa)

Redacção e administração—Calçada do Combro, 33-A, 2.º
End. telegr.: Tullaba—Lisboa e Telefone: 2

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — FOLHA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A separação dos funcionários

Após uma vida instabilizada por sucessivas crises parciais, acaba de cair o ministério do sr. José Relvas ferido por uma nova crise que abrangeu todo o gabinete.

Porque caiu o ministério do sr. José Relvas? Por desentendimentos entre as diversas facções políticas em volta da exigência da opinião republicana (?) do saneamento do Estado pelo afastamento dos seus servidores não conhecidos como republicanos. Ministros havia que não tinham escrúpulos em demitir dos seus ministérios todos os serventários indicados como desafectos ao regime; e ministros havia que dignamente se recusavam a, de ânimo leve, por simples imposição de qualquer comissão ou ligar, lançar a margem indivíduos simplesmente por não estarem filiados em qualquer dos caços em que a República se acha estacionada.

Esta divergência, resultou as remodelações que o governo sofreu; e da ocasião cada vez mais premente dos membros da tal liga ou comissão, impacientes e sórgos por ocuparem os lugares dos funcionários apontados para serem separados, resultou a crise total do ministério.

Ora tendo sido o desacordo sobre a empresa de sanear a República a razão da instabilidade e queda do governo do sr. José Relvas, de supor é que o presidente do novo ministério tivesse escolhido, para as diversas pastas do gabinete, indivíduos que tenham as mesmas disposições e o mesmo modo de ver sobre esse saneamento, para que todos procedam de comum acordo. Não se dirá pois que vem sem oportunidade manifestar, com o desassombro de sempre, o que pensamos sobre a separação dos funcionários desafectos ao regime, exigida pela comissão de defesa da República e pela liga dos funcionários republicanos, conhecidos em gíria jornalística evolucionista-democrática, por *opinião republicana*.

O funcionário público é um salariado como o é um funcionário particular, com a diferença apenas de que o patrão daquele é o Estado e o deste uma firma comercial ou industrial, ou um simples indivíduo. Ser, pois, trabalhador do Estado ou de qualquer ramo de serviço, é para nós o mesmo, merecendo-nos tanto aquele como este a mesma consideração e o mesmo direito à nossa defesa, sempre que os seus interesses legítimos, como membros da grande família dos escravos do salariato, estejam em jogo.

Ora assim como a organização operária não admite que qualquer patrão dispense um empregado por ser monárquico, republicano, socialista ou anarquista, isto é, por não ter as suas ideias religiosas ou políticas, também não podemos aceitar que o patrão republicano Estado afaste os funcionários por estes não serem republicanos.

O patrão, seja o particular ou seja o Estado, não tem que perguntar que ideias políticas ou religiosas professam os seus empregados. Só tem que lhes exigir o cumprimento dos seus deveres.

Os funcionários que se pretendem afastar, foram admitidos por concursos públicos e só tiveram que provar as suas habilitações e satisfazer as condições do concurso e nada mais. E uma vez no exercício das suas funções só há a saber se o empregado as desempenha com maldade.

Na admissão dos novos funcionários, estatue, porém, um decreto recente a condição de ser republicano doutrina esta que—de passagem seja dito, não é nova pois já aos professores que concorrem a lugares oficiais de há muito se lhes exige atestado de fé republicana passado pela junta de paróquia.

Este decreto além de imoral porque aumenta a legião dos hipocritas obrigando a confessarem-se republicanos homens que professam outros credos mas a quem as necessidades imperiosas de viver obrigam a aceitar essa situação falsa e contrária à sua consciência, além de imoral, esse decreto é de uma violência espantosa, é a negação de uma das bases fundamentais da República. Diz a constituição que todos os portugueses têm os mesmos direitos e as mesmas garantias e que cada homem pode livremente ter a sua ideia, o seu credo, o seu ideal. Vem este decreto e diz: cada cidadão tem a liberdade de pensar como eu, Estado, não pode ser nem empregado. E a fórmula—«a nação é para todos; mas o Estado republicano é para os republicanos»—agora prégada pelos mesmos que, em tempo da monarquia, defendiam os funcionários republicanos afirmando que estes serviam a nação e não o regime e que, fora dos seus lugares, tinham plena liberdade de consciência e de opinião.

E' lógico que a direcção da República seja confiada somente a republicanos. Não compreendemos uma República governada por monárquicos ou mesmo por socialistas, se essa República é burguesa. Mas que indivíduos que não sejam republicanos não tenham direito a ser simples funcionários do Estado, não dizemos já chefes ou directores de repartição, não compreendemos. Se o Estado é só para os republicanos, também então devem só eles sustentá-lo. Sim, é equívoco que os não republicanos não participem dos direitos iguais aos republicanos para com o Estado e sejam forçados a deveres iguais para com o mes-

mo Estado. Se só para eles é o Estado, que só eles o sustentem, que só, pois, os republicanos façam o serviço militar e paguem as contribuições.

Mas voltando ao decreto que impõe a profissão de fé republicana aos seus futuros funcionários: a doutrina desse decreto, é, além de tudo, um exemplo que a ser seguido pelos industriais, proprietários e lavradores, daria funestos resultados, e resultados tanto mais funestos quanto é certo que os maiores proprietários do país, os seus mais ricos lavradores, são monárquicos. O que aconteceria se, amanhã numa fábrica, numa obra em construção ou reparação, numa propriedade agrícola, na tripulação de um barco ou em qualquer ramo de serviço, os proprietários, seguindo o exemplo que lhes dá o Estado, admittissem somente pessoal da sua feição?

Mas então—preguntar-se-nos-há—não reconheceremos ao Estado o direito de dispensar os serviços dos funcionários que o servem mal?

Oh! Absolutamente. Tal como aceitamos que qualquer patrão, simples particular, dispense os empregados incompetentes ou que não cumpram os seus deveres. E, destarte, se funcionários tem o Estado que abusando da sua situação, por política, sistematicamente, e prejudicialmente, contrariando a sua acção, poderá e deverá o Estado dispensá-los pela razão justificadíssima de não cumprirem os seus deveres. Mas se o funcionário monárquico, socialista, ou anarquista, cumpre o seu dever, é infame, é torpe, é mesquinho que o Estado o afaste só por não ser republicano.

Mas o funcionário conspira contra a República, pegou em armas contra o governo. Nesse caso tem que ser remetido aos tribunais, como qualquer cidadão, a fim de ser julgado, e se não se provar a acusação e for absolvido ou não chegar a ser pronunciado, não poderá ser afastado, não pode perder o seu emprego.

E' assim que se compreende, nem de outra forma podia ser, pois não é justo que estes trabalhadores estejam à mercê de qualquer político a quem caíam em desgraça porque se não filiaram no seu partido e lhe fazem oposição. E, dada a escandalosa e vergonhosa instabilidade dos governos, que política deveriam ter os funcionários públicos para serem da confiança dos governos, de vários matizes, que com tanta frequência se sucedem?

A defesa da República! A purificação do Estado! O saneamento da burocracia!

Sim. Também nós admitimos que os governos defendam a República, mas a melhor forma de a defender seguramente nos ser fazendo boa administração, dispensando a todos os portugueses igual tratamento, usando da maior tolerância para com os adversários, acobardando com as injustiças e represálias em satisfação de interesses de clientelas políticas. Sim. Também nós entendemos que o Estado se deve purificar, mas a começar pelo alto, não se elevando às cadeiras do poder as incompetências que por lá se pavoneiam.

Sim. Também nós desejamos que se proceda ao saneamento da burocracia, mas não afastando este ou aquele funcionário por suas ideias políticas, mas todos aqueles servem mal o público com a sua incompetência e com o seu desleixo. E a incompetência e o desleixo não são privativos dos monárquicos. Existem entre os próprios republicanos ou que se dizem mais avançados. Querem, pois, sanear a burocracia? Pois então olhem também para os funcionários que, não tendo servido a monarquia, servem, todavia, o pior que podem a República. E verão que entre os seus correligionários muitos empregados há, cujo procedimento faz mais mal ao Estado republicano do que quantos monárquicos por lá estão.

E que nos contestem se queremos que aos bois lhes ponhamos os nomes.

LÁ POR FORA

Estabelecimento de um comboio de luxo

PARIS, 27.—O sr. Clavelle, ministro das obras públicas, comunicou à comissão internacional dos portos e vias férreas o protocolo assinado pelos representantes das nações interessadas, estabelecendo o comboio de luxo Simplon-Orient-Express, o qual circulará entre Paris e o Oriente pela via Lausanne-Simplon-Milão-Veneza-Trieste-Laybach-Agram-Vinkovce onde se bifurca uma parte para Bucarest-Constanza-Odesa e a outra parte para Belgrado-Constantinopla-Alexandria.

Este comboio porá Paris em correspondência com Londres-Calais e Paris-Milão com o comboio Milão-Turin-Lyon-Bordens.

Esta parte do programa será feita no dia 15 de Abril, dia da partida do primeiro ministro.

Restrições que terminam

PARIS, 29.—Foi publicado um decreto anulando as disposições que proíbem o fabrico e a venda de pastelaria fresca e a utilização das farinhas panificáveis no fabrico dos biscoitos e da pastelaria.—H.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Aléluia

Já temos, para descanso da grei, o novo governo constituído. O que caiu, provado está, no dizer das gazetas políticas, que não soube levar a bom termo a sua missão. A qual missão era a de consolidar, purificar e tornar progressiva a República, também no dizer das aludidas gazetas. Fica portanto o encargo confiado ao ministério agora entrado em funções, composto, por sinal, de elementos partidários, seis democráticos, três evolucionistas, dois unionistas, e um socialista, a trepa toda presidida pelo sr. Domingos Pereira, a modos que doutor em direito, em obediência à lei fatal que rege a formação dos ministérios no nosso país. E' pois o governo agora formado que vai resolver de vez os abarbatados problemas que o termo da guerra suscitou. Os problemas internos que consistem em deslocar, para substituí-los por gente da cor, os possuidores actuais dos nichos rendosos; os problemas externos resolvidos por uma desassimilação de larachas aqui e acolá quida colhidas. Gente de competência a que se está escolhendo, por esse mundo fora, para governar os povos, em transe de tamanha gravidade. Na Inglaterra, Lloyd George na França, Clemenceau; em Portugal o dr. Domingos Pereira.

Os mineiros

As greves dos mineiros ingleses, que reclamam a nacionalização das minas de hulha, fazem-nos pensar nos ganhos dos proprietários dessas mesmas minas. Esses lucros, que eram de 1 milhão e 800 mil libras entre 1909 e 1913, foram o triplo no ano de 1918.

Entretanto, o salário médio anual do mineiro, que era de 85 libras, não chegava a ser o dobro no ano passado.

O accionista, que nunca viu uma mina e não tem na produção a menor sombra de préstimo, recebe em geral um dividendo anual de 10 % do capital empregado: em dez anos está reembolsado do seu dinheiro e continua a receber. Em dez anos, está o mineiro... arrumado.

E é quando o filho da mina—o officio é hereditário como o dos reis—chega aos dez anos. Com efeito, sendo de 5 % a mortalidade média anual das crianças britânicas, essa média sobe, porém, a 16 % na população mineira.

A lei

Villain, o que matou Jaurès em 1914, julgado rapidamente em breves audiências, foi absolvido, ao que dizem os últimos telegramas chegados. Não seria muito difícil conjecturá-lo, dado o aspecto que os debates tomaram desde o seu início. Foi absolvido Villain, que assim o determinou a lei, servida por uma Justiça que usa representativa vendada, e que alguns, por conhecê-la de perto, dizem vendida. Mas está optima, a conclusão dos tribunais franceses absolvendo Villain. Foi hediondo o crime dele, é certo, mas nada se ganhava com a sua condenação, que não teria o poder de restituir a Jaurès a vida. Nada se ganhava. Assim como, na condenação de Cottin, o que feriu ao escapar Clemenceau, nada se perde senão a vida ou a liberdade do condenado, ganhando-se, por outro lado, a preciosa desilusão de tantos que ainda, por congénita ingenuidade, supunham proba e respeitável a missão da justiça que aí se mercadeja.

A BATALHA

Reunem hoje às 19 horas a comissão editora do jornal A BATALHA e suas sub-comissões.

JEAN JAURÉS

No processo do assassino do grande tribuna socialista francês, algumas testemunhas asseveram que, se fosse vivo, Jaurès teria sido e continuaria sendo o mais patriota dos patriotas, o mais firme esteio da «defesa nacional», o seu melhor organizador, etc.

Outros tem dito que, vivo ele, não teriam os socialistas entrado na «união sagrada», não teriam feito uma nefasta política de abdicção e de compromisso, a qual descredito e inutilizou o socialismo em França.

Recentemente, o famoso capitão francês Sadoul, discursando em Petrogrado na inauguração da estátua a Jaurès (7 de Março), concluiu do modo seguinte: «Se ainda existisse, Jaurès, com a sua força revolucionária, com o seu génio claro e previdente, teria sido um dos primeiros socialistas do Ocidente a compreender a beleza e a grandeza da revolução bolchevista e a estender a mão a Léline. Jaurès e Léline! Que poder invencível não teria a Revolução internacional dirigida por estes dois guias inigualáveis!

Nós também fazemos essa justiça à inteligência do grande socialista: teria compreendido a situação russa e internacional.

Entanto, sucede a Jaurès o mesmo que a Cristo e a todas as grandes figuras: mortos, reais ou lendários: todos o reivindicam, todos o querem para si, cada um lhe atribui as suas próprias ideias.—H.

A posse do novo ministério

O novo ministério ficou assim constituído:

Presidência e interior—Dr. Domingos Pereira.
Justiça—Dr. António Granjo.
Finanças—Dr. Ramada Curto.
Instrução—Dr. Leonardo Coimbra.
Guerra—Major Maia Magalhães.
Marinha—Dr. Vítor Macedo Pinto.
Colónias—Jorge Nunes.
Agricultura—João Lopes Soares.
Abastecimentos—Luiz de Brito Guimarães.

Estrangeiros—Dr. Xavier da Silva.

Trabalho—Augusto Dias da Silva.

Comércio—Dr. Júlio Martins.

Tomou ontem posse, apresentando o seu presidente o programa do novo governo que se consubstancia em defender e consolidar a República. Proferiram-se vários discursos, produziram-se vibrantes aclamações à República, tendo também os representantes do Partido Socialista Português feito afirmações diversas que, por não termos ouvido, reproduzimos do nosso colega A Capital:

O sr. Ladislau Batalha, membro eminente do Partido Socialista Português, fez uma nota idêntica à do sr. Duarte Salgado. O seu discurso pode resumir-se na seguinte frase, que foi coberta com aplausos frenéticos, comparáveis a uma verdadeira tempestade:

«O Partido Socialista Português dá apoio incondicional ao governo para a defesa da República, ainda mesmo que essa defesa tenha de exercer-se sobre os exagros do bolchevismo!»

Coincidência notável! Neste mesmo número de A Batalha, satisfazendo um pedido já há dias feito por alguns socialistas do Porto, reproduzimos um esplêndido artigo que o sr. Ladislau Batalha escreveu, ainda há bem pouco, no semanário socialista português A Voz do Povo e que produziu enorme sensação entre os leitores daquela jornal.

Lêr amanhã em A BATALHA a quarta entrevista com o sr. Ezequiel de Campos sobre a carestia da vida.

Os deportados

Continua a mistificação e a mentira dos politicantes da nossa terra...

Os leitores estão lembrados da notícia aqui publicada há três ou quatro dias, a respeito da situação dos deportados e das providências que o governo ia tomar. O dr. Adolfo Coutinho, que fora nomeado para investigar sobre os presos por questões sociais, acabara o seu relatório respeitante aos deportados e concluiu por afirmar que esses homens mandados pela reacção para as paragens de África o haviam sido sem julgamento, sem processo e sem qualquer disposição de lei em vigor que a tal habilitasse.

O dr. Adolfo Coutinho entregara já ao ministro do Interior o seu relatório e o dr. Brito Guimarães, então chefe de gabinete do sr. José Relvas, afirmou ao Conselho Jurídico da U. O. N. que o governo, em face desse relatório, ia imediatamente mandar regressar à metrópole os deportados.

Imediatamente. No entanto... no entanto... tendo ontem o advogado do Conselho Jurídico, o nosso amigo dr. Sobral de Campos, encontrado o dr. Brito Guimarães e tendo-lhe perguntado se realmente havido sido ordenado o imediato regresso dos deportados, ficou sabendo pelo mesmo senhor—hoje ministro da agricultura—que nada podia dizer, não sabia, com as coisas destes três dias... era natural que houvesse passado da memória e que mesmo tal ordem não tivesse sido dada.

E' espantoso! Continua a mistificação, continua a mentira, continua a desvergonha das classes dominantes. A reacção, no período de violências e de arbitrariedades que nós combatemos e que tão falada anda agora nas parlendas vãs dos comícios e dos banquetes—deportou os nossos camaradas rurais e vários outros, sem julgamento, sem processo e sem lei. E os governantes de hoje, colocando-se sem rebuço ao lado dos reaccionários, mantêm o mesmo estado de coisas, perpetuam o crime, não obstante o relatório conclusivo.

Encontram-se no actual governo ministros do governo transacto. O ministro dos abastecimentos—que foi o chefe de gabinete do sr. José Relvas e que garantiu ao advogado do Conselho Jurídico da U. O. N. o imediato regresso dos deportados—deve imediatamente informar o ministro do Interior das conclusões desse relatório.

Mas, como ele pode esquecer-se, tam desmemoriado, como anda—nós aqui o lembraremos, enquanto for necessário, ao actual presidente do ministério, e o Conselho Jurídico o lá procurar hoje mesmo.

E amanhã continuaremos.

Um crime político nos Balkans

PARIS, 26.—Dizem de Roma que o Popolo Romano que Bib-Doda chefe mordite, vice-presidente do governo provisório em Durazzo foi morto em viagem de Medua para Durazzo. Atribui-se o crime aos partidários de Essad-Pachá.—H.

O dia de amanhã

Aproxima-se pavoroso e turbulento, esporeado pelas Direitas conservadoras, esbraseado pelas Esquerdas revolucionárias, tacitamente aceite pelos indiferentes de ontem, que já são os esfomeados de hoje e serão os revoltados de amanhã.

—«Donde vem? Do Passado.

—«O que os trás? A indignação, a revolta contra as iniquidades seculares, uma sede ardente de justiça.

—«Para onde vão? A caminho do futuro, a conquista do pão e da igualdade social.

Mais aguerriadas do que os exércitos de Atila e Tamerlan, mais violentas do que Torquemada e Napoleão, mais ferrosas do que as lutas dos primeiros Cristãos, mais fanáticas do que os crentes do Alcorão, surgem ameaçadoras e altisonantes as hostes proletárias de todo o mundo, irrompendo contra a rotina e contra as tradições, a impôr pela Revolta dos Séculos tudo aquilo que os séculos não tem querido atender pelo caminho da súplica e da legalidade.

Terminou a guerra da Burguezia; vai principiar a guerra do Proletariado! A luta dos Oprimidos vai suceder à luta dos Famintos! Os clarins soaram há muito na Rússia; as vozes estenderam-se até à Alemanha, à Baviera, à Sérvia. Já os ecos se repercutem pela França e pela Inglaterra, fazem-se ouvir na Península Ibérica, estrondeiam até aos Estados Unidos da América. Não tardará que ribombem pela Austrália, África e Oriente.

E' a Guerra Social que assenta os seus arraiais nas planícies da Burguezia, tal qual o prevíamos em artigos sucessivos, quando por toda a parte se quebravam lanças a discutir essa coisa transitória—Centrais ou Aliados!

A Conferência da Paz melhor seria chamar-se Conferência do Proletariado, porque ali mais se estuda a maneira de estabelecer uma reconciliação com o irreconciliável, do que a solução do último Conflicto. A Sociedade das Nações foi uma ponte de passagem que fracassou. Agora vai-se ao encontro do catolicismo eminente, fingindo que se enida da legislação operária, internacional, como se o operariado pudesse aceitar como suas as resoluções tomadas pela Burguezia, no momento em que se vê ameaçada.

Acercas-se a hora da tremenda justiça dos Proletários. Abençoada Guerra esta que, prometendo apenas um acórdão traço das grandes Indústrias para a expiação dos povos, os conduziu à luta generalizada para a sua emancipação e restituições.

Tripludial, comerciantes! Açambarcai, capitalistas! Explorai, senhores da Indústria!

Eia! Apagai histriões da Política! Ostentai as vossas grandezas! Cegai-nos com o reverbero das vossas pedrarias!

Carregai, janizaros da Força às ordens do Despotismo! Erguei-vos, bastilhões histeriais!

Tudo será inútil! sou a hora tremenda da justiça dos séculos.

Nem George, nem Clemenceau, nem Wilson! não haverá grandes almas nem generosos corações capazes de deter a vaga crepitosa que avança e ameaça subverter todo o passado de crimes e ignomínias com que as classes privilegiadas veem de há séculos a sobrecarregar o já decrépito Proletariado.

E' o momento azado que ninguém mais poderá deter nem preterir. Os grandes cataclismos são os precursoros dos grandes progressos. Deu-nos o Fendalismo e o Mundo moderno. As Cruzadas abriram ao Ocidente as civilizações orientais. A Reforma proclamou o livre-exame e a liberdade de imprensa. Emancipou a Revolução Francesa a Burguezia. A monumental Revolução Social do Século XX emancipará finalmente o Proletariado, acabará com o regime do salário e porá termo à luta de classes.

—«Haverá que sofrer?

—«Certamente, como em todas as circunstâncias. O sofrimento é o mal estar do esforço e também o prelúdio da vitória!»

Sofre a mãe para dar o filho à luz; sofrerá a Humanidade na derradeira luta para a emancipação dos povos.

Tal se nos afigura o dia de amanhã.

Março, 1919.

Ladislau Batalha

(De A Voz do Povo, Porto).

A Revolução Social na Hungria

O apoio do proletariado alemão

MADRID, 26.—Na sessão plenária realizada pelos conselhos de operários e soldados de Berlim foi resolvido enviar o seguinte telegrama à República dos conselhos húngaros:

«A sessão plenária dos conselhos de operários e soldados de Berlim e seus aderentes, sauda com simpatia a vitória do proletariado húngaro e a constituição da república dos conselhos. Vê nas lutas heroicas do proletariado húngaro o triunfo duma parte da contenda do proletariado internacional contra o capitalismo e a reacção mundiais. A reunião promete apoiar com todas as suas forças o proletariado húngaro nas suas lutas, e não desceusca enquanto não vir assegurada a vitória definitiva do socialismo em todos os países».

NOTAS SOLTAS

Um flagelo

Deram há dias os jornais a notícia de que vão recomençar em Paris, as corridas de cavalos. Quer isto dizer que se vai entrando na normalidade, aparecendo os flagelos do tempo de paz, depois dos da guerra.

As corridas de cavalos são uma das mais chics diversões do mundanismo parisiense. E' nas corridas que se ostentam as grandes equipagens e as famosas *volantes* que dão volta ao molo a tanta gente; é ali que acode tudo que se dilverte, tudo que quer brilhar; é nas corridas que muito dinheiro se perde e se rouba.

Mas se a coisa não passasse dali, o mal não seria grande, porque não é dos mais interessantes o mundo que por lá gasta o tempo e o dinheiro. O pior, o terrível das corridas é que constitui em um autêntico flagelo, é que o vício da aposta estendeu-se por toda a cidade e invadiu os meios operários com uma intensidade tal que, antes da guerra, eram as corridas que absorviam a maior parte da fêria dum grande número de trabalhadores. E' o pior era que as coisas estavam arranjadas de forma que onde o operário sabia do que se passava nas corridas, aonde vinham ter regularmente as notícias das várias peripécias do jogo, onde se estava ao corrente dos que ganhavam e perdiam, era na taberna.

O resultado era um aumento notável do consumo de alcohol, que para isso mesmo é que as coisas assim se dispunham. Bebia-se porque se ganhava, porque se perdia, para abafar tristezas, bebia-se porque se estava ali à espera dos resultados, bebia-se porque já se bebia e assim o alcoolismo adquiria proporções aterradoras.

Pouco depois da guerra, parece que o alcoolismo diminuiu notavelmente. O que vai acontecer agora, que com as corridas de cavalos e outros flagelos a vida se normaliza? Que vão fazer os trabalhadores conscientes?

A' Pina Manique

A revolução socialista húngara veio atrapalhar fortemente a política internacional dos aliados e acrescentar mais um dos numerosos erros que eles tem cometido desde o começo da guerra.

Deram com os burrinhos na água com a Turquia e com a Bulgária, iam dando com os burrinhos na água com a Grécia e com o Plave; e o mesmo está acontecendo com a Hungria. Isto para falar somente do mais importante e conhecido. E sempre o mesmo motivo: puxar cada um para seu lado, ao mesmo tempo que pretendem equilibrar tudo, até que por fim reconhecem quantas vezes já tarde, o erro e emendam a mão. A demonstração é tão grande, que falam em pôr barreiras à propaganda bolchevista, exactamente como Pina Manique pensava em pôr uma barreira à entrada das ideias francesas em Portugal. Estes julgam que é possível organizar um *front* contra a propaganda de ideias, quaisquer que elas sejam!

Vê-se muito bem que sopra o vento: são os financeiros, os homens de negócio e de haveres de toda a espécie e os que tem da vida política dos povos concepções de há um século. Todos estes operam sobre a grande imprensa e esta toca a trombeta que convém. Simplesmente tudo isso é cegueira, porque julgando benzerem-se quebram o nariz e, o que é bem peor, podem quebrar também o nariz dos outros. Como se não bastassem as asneiras dos políticos portugueses, aparecem as dos grandes que por cá se não de reflectir a ajudar a meter tudo isto no fundo.

Divagando

Acabo de lêr o seguinte num livro de Desmoullins:

«De que serve conhecer o fim a atingir, se não se conhece o caminho que lá conduz!»

Isto parece muito banal e todavia é um pouco vulgar, que quasi ninguém pratica o ensinamento que aquelas palavras contem.

E' assim, sem pensar no caminho a percorrer, que acontece muitas vezes, chegar-se a resultados bem diferentes e até opostos aos desejados. Depois ficamos muito admirados das coisas não nos saírem como as tínhamos sonhado, julgando que as tínhamos estudado! E o sonho desfaz-se, a desilusão chega; mas em vez de nos acusarmos, dizemos que a culpa foi dos outros; e enumeramos todas as coisas más que os outros nos fizeram e, em regra, continuamos a sonhar.

E é que tudo isto que a humanidade anda tam devagar, embora por vezes ande aos saltos, como os gafanhotos.

Emílio Costa

A Conferência de Paris

Uma reunião no gabinete de Wilson

PARIS, 26.—Os srs. Wilson, Clemenceau, Lloyd George e Orlando tiveram esta manhã uma nova conferência no gabinete de Wilson. Tratou-se do assunto das reparações das fronteiras do Reno novamente examinadas. Antes da reunião o sr. Orlando tinha-se ocupado da questão do Adriático.

Nos meios britânicos e americanos assegura-se que o novo método de trabalho adoptado pelos chefes das delegações abreviaria em muito os preliminares da paz.—H.

Na sede da Associação de Classe do Pessoal do Exército, Campo de Santa Clara, 87, 1.º, reuniu, em 28, pela primeira vez, a direcção da Associação dos Empregados do Estado, eleita em 24 do corrente, para assentar na cobrança das cotas dos sócios já inscritos, que começará no próximo

Resolvem também distribuir pelos diferentes estabelecimentos e repartições do Estado uma circular elucidativa dos fins a que visa esta Assembleia.

Ocupou-se ainda das reclamações apresentadas pelos assalariados do Estado, de forma a torná-las extensivas aos vários serviços públicos, bem como dos projectos de lei apresentados ao Parlamento pelo ex-senador Nogueira do Brito.

Na reunião mereceram especial atenção as «demarches» já encetadas para o consequimento da subvenção da guerra, para o que a direcção se entenderá com a comissão que do assunto tem tratado.

Enquanto não houver sede própria para esta Associação, a direção resolveu efectuar as suas reuniões na Associação acima referida, todas a quintas-feiras, às 20 horas.

OS QUE MORREM

FALLECIMIENTOS

Faleceram ontem e sepultam-se hoje as seguintes pessoas:

D. Maria Ferreira Leitão, às 15 horas, saindo da colada do Poço dos Mouros, 23; D. Eugénio dos Santos Guerra, às 15,20, da rua Frades do Silveira, 65; João Baptista Alegro, às 16, da rua dos Remédios à Lapa, 29; D. Romana Gonçalves Ramalho, às 10, da rua do Espírito dos Negros, 10; Luciano S. Silva Cunha, ardeente cadete, às 10, da

[illegible]

Realizou-se ontem pelas 15 horas, o funeral do camarão Manuel Vidas, saindo-o préstito fu-
nebre do edificio da Morgue para o cemitério
Oriental. Placardes representando ao funeral e a
associação das Classes dos Políticos em Portugal,
Seccão de Lisboa, a Construção Civil de Palma
e os Artífices, operários do novo Manifesto de Li-
boa, tendo sido bastante concorrido. A família não
impossibilidade de agradecê-lo pessoalmente, pedin-
do-nos para, por este meio, agradecer-lhe a sua gra-
tidão e a sua generosidade, amou-o até ao último.
Realizou-se entem, na manhã do hospital de J.
João, pelas 15 horas, o funeral de Guilherme No-
vas, residente no largo de D. Estefânia, 14, e
aquele comerciante que deu um th.º de 100 mil
Reaes, para ajudar a quem falece no Banco do
hospital de S. José.

OBITUARIO

Cafeteiros Inmados no cemitério da Ajuda m-
dia 25 de Março:

Maria Ribeiro, 72 anos; Maria Baptista, 80 anos;
Antonio Júlio da Silva, 28 anos; Isidoro Mari-
Bastante da Silva, 48 anos; Aurora da Conceição,
14 anos; Brígida Rosa, 14 anos; Antónia Adas Paul-
to Gomes; Monteiro Sales, 60 anos;

BOLETIM DO TEMPO
Domingo, 30 de Março

Temperatura às 9 horas: Porto, 11,0; Guarda, 5,4; Serra da Estrela, 0,7; Coimbra, 10,4; Caldas da Rainha 12,0; Campo Maior, 10,4; Lisboa, 13,4; Évora, 8,2; Beja, 9,9; Lagos, 11,0; Faro, 11,5; Sagres, 13,1; Funchal, 13,0; Corunha, 13,0; Madrid, 7,0.

Vento: Porto, NW; Guarda, W; Serra da Estrela, NW; Coimbra, SW; Caldas da Rainha, W; Campo Maior, W; Lisboa, WSW; Évora, W-NW; Beja, NW; Lagos, G; Faro, G; Sagres, G; Funchal, S; Corunha, SW; Madrid, S.

Estado do tempo: Porto: nevoeiro; Sagres, plano; Lagos, plano; Faro: plano; Sagres, plano; Funchal, chlo; Corunha, agitado.

Estado geral do tempo—Desceu o barómetro mais nos postos do continente entre 0,2 e 0,3 mm, com diferentes alterações de temperatura e vento para os pontos citados de G. W.

—No Funchal desceu a pressão 2,8 mm.

—As mais altas pressões são indicadas a W de Madeira e as mais baixas na Escócia.

Temperatura em 24 h: máxima, 14,5; mínima, 9,7.

Tempo provável em 31 — Vento moderado entre SW e NW; Céu nublado.

MOVIMENTO MARITIMO
Entradas em 30
 Vapores: francez "Britannica", de Marselha; russo "Compania", de St. Petersburg; e "Albania", de Valência; portuguez "Gaza", de Tentova; luganês "S. Mathurin", de St. Malo e caça mineira francez "Amiral Vermeil", de Oran.

Saídas
 Vapores: espanhol "Albedi", para Pôrto; holandez "Slikkerveer", para Antuerpia; e "Suber", para Salónica; portuguez "Moussamed", para Tomé e Príncipe e francez "Britannica", para New York.

CABO CARVOEIRO, 30, às 7.55.—Navega mar e norte e destroy portuguez "Gedonia", para Bessica; 30, às 11.15.—Navega mar do sul para norte um patrulha e tres caça minas, não differendo a bandeira pela grande distancia.—H.

CASCAIS, 30, às 13.39.—Demanda e vindo de cáca-minas "Admiral Chermitz", barco de su.—H.

TEATROS & CINEMAS

NOTÍCIAS

Jorge Grave tom hoje a sua festa artística no teatro do Ginásio, em que figura em 1.ª representação a peça de André Brûn "Ano novo, vida nova", ou 3.ª acto de "Kenna e a graciosa comédia do Schwabach" Os quatro cantinhos", e 4.ª "Esta noite, no Avenida, o a festa de Tida Sanchini, a gentil e talentosa artista, representando sua a peça "Sua Magestades, em que ela tem um belo trabalho. É um espectáculo que, pelas suas patinas da festejada, deve ter enorme sucesso.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A/s 21—Despedida da população pela "Amor do Perdido".

S. LUIS—A/s 21—A Emboscada.

TRINIDADE—A/s 21—Os Piranhas, peça de

viagens.
GINASIO - A/s 21 - «Os quatro cantinhos»,
3.º ato de «Kean», «Anacoreta», «Vida de
«Aristides», «Aristides», «Aristides», «Aristides»,
«Aristides» de Ida Stiehl
APOLO - A/s 21 - «A princesa Magalona»,
vista.
POLITHAMA - A/s 21 - «O Amor Perfeito»,
opereta.
EDEN - A/s 20,30 - «Sete Estrelas», opereta.
FOZ - Animatógrafo e variedades.
OLIMPIA - Animatógrafo e concerto.
ALMA CORDES - Animatógrafo e concerto.
SALAO DA TRINDADE - Variedades e ani-
matógrafo.
CHIADO TERRASSE - Animatógrafo e con-
certo.
CENTRO - Animatógrafo e cinco talades.
ANJOS - A/s 20,30 - «As quintas, saladas e do-
minicos» - «Revista sem compêns, e animato-
grafo.

Mmanuel Soares Leitão, *Varinhas*, participa aos seus amigos e pessoas das suas relações que faleceu a sua querida esposa, e que o seu funeral se realizará hoje, segunda-feira, às 3 horas da tarde, para o Alto de S. João, da calçada do Poço dos Mouros, 23, 1.ª D.